



# RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

## O CONTO DA MATERNIDADE: A CONSTRUÇÃO DO PAPEL DE MÃE A PARTIR DE UM OLHAR SOBRE THE HANDMAID'S TALE

Nathália Silva dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

A cultura do machismo é uma infeliz realidade que oprime e mata milhares de mulheres todos os anos. Essa forma de opressão começa a ser imposta ainda na infância, por meio da imposição de papéis e posturas para meninos e meninas e permanece ao longo da vida adulta, interferindo no casamento e na representatividade feminina materna. Partindo disso, com essa pesquisa, através do levantamento bibliográfico e documental, pretende-se analisar a representação social do papel materno sob um olhar da série *The Handmaid's Tale*, que retrata uma sociedade distópica com altas taxas de infertilidades, e que como solução para esse problema instaura uma ditadura onde os povos são divididos por castas. As mulheres férteis são estupradas e obrigadas a terem filhos a fim de aumentar a natalidade, traçando um paralelo entre a ficção e fatos atuais.

**Palavra-chave:** Comunicação. Feminismo. Maternidade. Representação.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Do início das lutas feministas até a atualidade, houve um grande avanço. Direitos foram conquistados. Muitas restrições, como a obrigatoriedade da autorização do marido para viajar e a proibição do acesso ao ensino superior, chegaram ao fim. Isso não significa que a bandeira não precise mais ser levantada. Ainda existem paredes a serem derrubadas. O machismo é uma dura realidade que ainda oprime e mata cerca de cinco mulheres por dia, conforme pesquisa desenvolvida pela Rede de Observatório de Segurança. A violência contra a mulher, incluindo o feminicídio, ocupa a terceira posição no ranking sobre violência e segurança pública analisada pela

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Publicidade e Propaganda - Unifamma - nathaliasilva.snts@gmail.com  
Orientador(a): Prof(a). Dr(a ).: Francisco Verri



Rede, e em muitos desses casos o crime é encarado como passional<sup>2</sup>, com a inversão da culpa, responsabilizando a mulher pelo ato.

E esse cenário de opressão não se manifesta apenas na vida adulta, o machismo se faz presente desde a infância, com as tarefas domésticas, brincadeiras, roupas e brinquedos, divididos em: os de menino e os de menina. Aos meninos fica reservada a liberdade. É comum ter muitos comportamentos machistas justificados pela frase “menino é assim mesmo” ou ainda “isso é coisa de menino”. E as meninas? Bom, a elas restam se darem ao respeito e se portarem como moças, seja dentro ou fora de casa.

As responsabilidades não são distribuídas de forma igualitária. A elas é imposta uma carga muito grande de obrigações e padrões desde pequenas: boas alunas, manterem a casa em ordem e preservarem um ar de feminilidade e pureza. Para eles, a regra é reforçar a todo momento sua masculinidade, o que significa ir na contramão de tudo que está ligado ao universo feminino. De acordo com Louro (1997, p. 41) “[...] eles e elas se fazem [...] através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas*.”

Tal conduta não diz respeito apenas às atividades domésticas e cuidados com a aparência. Implica também nos papéis materno e paterno. As mulheres têm o dever de exercer, obrigatoriamente, o dom divino da maternidade, perpassando sua individualidade, sexualidade e vida profissional, se tornando o exemplo de esposa perfeita, conforme construído socialmente. Nesta conjuntura, o abordo é abominável.

A mulher que se ausenta do trabalho pelo filho é antiprofissional. O que se espera é que sua dedicação esteja voltada ao cuidado com as crianças e a casa, e por isso, uma mulher que é mãe não teria o mesmo desempenho no trabalho que um homem, por exemplo. Como afirma a executiva de carreiras, Ana Paula Ferraz, “acredita-se muito que os filhos precisam da mãe nesta primeira infância e que apenas ela é responsável pelo cuidado deles. Além disso, é comum pensar que as

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>>  
Acesso em Novembro.2021

profissionais não entregarão o desempenho esperado quanto às demandas”. (SOUZA, 2021)

Os homens não precisam passar por constrangimentos ao serem questionados durante uma entrevista de emprego com quem seus filhos irão ficar durante sua rotina de trabalho, nem ao menos recebem a mesma cobrança para manter o nível de desempenho após se tornarem pais. “Os homens não são questionados ou cobrados sobre seu desempenho quando são pais. Já as mulheres, precisam tomar cuidado para não demonstrar muita dedicação e preocupação com os filhos, enquanto estão trabalhando. Mesmo nos dias de hoje.” (SEMENTE NEGÓCIOS, 2020).

São diversos os desafios resultantes de uma série de normas, regras e práticas sociais, impostas como formas de controle e censura sobre homens e mulheres, como afirma Louro (1997, p. 41) “[...] os gêneros se produzem [...] pelas relações de poder.” Relações essas que determinam até medidas para o matrimônio e procriação.

Não é incomum nos depararmos com produções midiáticas, como filmes, novelas e seriados, com roteiros baseados no núcleo familiar feliz, centrada na mulher e mãe, cujo sonho é constituir família. O já conhecido padrão dos comerciais de margarina, em que a mulher é reduzida a mãe e dona de casa, que faz tudo pela família, abrindo mão de seus próprios desejos e individualidade. É primeiro mãe e depois mulher.

A presente pesquisa pretende analisar a representação social de mulher, mais especificamente de mãe, a partir de um olhar através de um recorte do seriado *The Handmaid's Tale*, o nono episódio da terceira temporada, estabelecendo um comparativo entre a série e a imagem materna na atualidade.

## **2. MATERNIDADE: DO DOM DIVINO A UM DEVER SOCIAL**

Mesmo após a sociedade evoluir e as mulheres vencerem restrições e estigmas sociais, um paradigma parece não mudar: o de que a maternidade é atividade exclusivamente feminina, um dom natural reservado às mulheres. O

estereótipo de mãe foi construído e reforçado através das décadas, reproduzido nos materiais midiáticos, como em propagandas circuladas ainda em preto e branco.

Figura 1 – Propaganda Dia das Mães Walita (1954) <sup>3</sup> Fonte: Propagandas Históricas



<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/05/liquidificador-walita-dia-das-maes-1954.html>> Acesso em abril.2021

No que dizia respeito ao universo feminino, o mundo girava em torno da família, da maternidade, marido, filhos e cuidados com a casa. Em tese, deveria torná-la plenamente realizada. A mulher não era vista como um indivíduo, com desejos, sonhos e vontades próprias, como ilustrado na publicidade do Dias das Mães da Walita que reforça com estereótipos conservadores a respeito dos papéis sociais desempenhados pelos homens e mulheres.

Com essa idealização a publicidade muitas vezes acaba recorrendo ao uso de estereótipos e apresenta visões conservadoras relacionadas à sociedade. E isso é bastante perceptível em anúncios com a representação dos gêneros masculino e feminino, nas quais, em sua grande maioria, encontramos características conservadoras da sociedade atreladas a cada um dos gêneros. (FERREIRA, 2016, p. 2)

A concepção de um ideal de maternidade apresentou mudanças através das décadas, principalmente devido a conquistas de direitos femininos: como maior espaço no mercado de trabalho, o direito ao voto e a liberdade sexual. O conto de mãe perfeita não deixou de existir. Ele foi reformulado a partir de um contexto social e econômico do século XXI.

Há uma romantização a respeito do papel de mãe como um dom divino, sendo a maior realização que pode acontecer na vida de uma mulher: o que pode ou não ser verdade. O resultado é uma pressão assustadora tanto naquelas mulheres que possuem o desejo de serem mães e por algum motivo não conseguem, quanto naquelas que não planejam ter filhos, como afirma Canassa (2018, p. 111).

Defende-se a ideia de que o instinto materno está inscrito na natureza feminina, o que contribui para a crença de que todas as mulheres nascem prontas para essa atividade. Essa ideia não só aterroriza as que querem ter filhos, mas não conseguem, como as que simplesmente não possuem essa vontade. Até mesmo as que podem e querem ter filhos são atormentadas, pois, a partir dessa vontade, existem cobranças de como e quando isso deve acontecer e quais atitudes uma “boa mãe” deve ter.

As imposições ligadas à maternidade não se encerram na obrigatoriedade da mulher em ser mãe. Há convenções sociais que impõem condições, como ser casada

e não esperar muito tempo após o casamento para ser mãe. Além de cumprir os deveres que uma boa mulher deveria exercer, como a aparência em dia, a casa sempre arrumada com a comida sempre pronta na mesa e não priorizar a carreira antes da família. Sua jornada deve ser dupla, dividida entre os papéis de mãe, dona de casa e profissional. Mesmo que ela não tenha o devido reconhecimento, a realização vem de cumprir o papel da supermãe, como afirma Roso (2008, p.161):

[...] a mulher ainda não se sente valorizada pelo exercício de sua dupla jornada, pois, além de trabalhar fora, quando chega em casa tem de desempenhar os papéis de mãe, esposa e dona de casa, não havendo o reconhecimento esperado tanto no que se refere a uma maior consideração de seu esforço de conciliação, quanto à consolidação de seu lugar no mercado de trabalho e, ainda, no que se refere à remuneração. Nessa direção, sente que, muitas vezes, suas energias se esgotam e sua fadiga torna-se sem sentido, pois, ao buscar realização em um âmbito perde espaço em outro. Entretanto, não deixa de exercer nenhum desses papéis devido à gratificação, mesmo que implícita, de buscar atender à demanda cultural contemporânea de ser capaz de dar conta de tudo.

Entende-se que após se tornar mãe, a maternidade deve ser a atividade central da vida de uma mulher, independentemente das dificuldades enfrentadas e dos sacrifícios necessários. É o que concluiu Vieira (2010), a partir de uma pesquisa com onze homens a fim de traçar um comparativo entre aspectos que baseiam o papel materno e paterno.

Na opinião de seis pais, a mãe não deve deixar seus filhos para outras pessoas cuidarem, devendo ser capaz de sacrifícios para ficar com eles. Afirmam que, se fossem mães, jamais deixariam de ficar com a guarda dos filhos. Nos relatos desses pais aparece uma avaliação negativa em relação às mães que 'permitiram' que os filhos fossem criados por eles, numa clara referência à maternidade como algo central na vida de uma mulher e da qual ela não deve abdicar, ainda que passe por dificuldades.

O julgamento é ainda maior para uma mulher que opta por não ser mãe. Afinal, como aponta Camillis (2015 p. 19-20), a maternidade é socialmente encarada como natural e obrigatória e, portanto, a mulher que se coloca contra essa tarefa é socialmente condenada. "A mulher estava agora enclausurada em seu papel de mãe, não podendo mais evitá-lo sob pena de condenação moral. Quanto ao homem, sua

responsabilidade restringe-se ao sustento do lar e a servir de bom exemplo de conduta para os filhos, a participação na educação ou na afetividade não lhes compete”.

A normatividade materna é estabelecida pelas representações e pelas relações entre mãe e seu parceiro e, também, com os filhos. De acordo com Marcello (2005), esse papel é estabelecido desde a infância: as meninas são incentivadas a serem mães, reforçado nas brincadeiras e comportamentos cotidianos, como forma de colocar a naturalidade da maternidade em funcionamento. A ideia geral é de que a maternidade é algo natural a toda mulher, levando em consideração suas características físicas. Tal, porém, essa afirmação entra em conflito quando a questão é uma gravidez na adolescência em que diversas complicações, tanto para a mãe quanto para o bebê, podem surgir devido à imaturidade do corpo feminino para levar adiante uma gestação. Como destaca a autora (2005, p. 85-86):

[...] em termos biológicos, uma gravidez na adolescência é considerada, pelos obstetras, como uma condição de risco aumentado [...] podem decorrer várias patologias, entre elas ‘a necessidade de cesárea porque a bacia [...] não abre espaço para a passagem do bebê [...] os recém-nascidos, ‘correm o risco de ser prematuros e apresentar baixo peso’ [...] pode acontecer de não serem amamentados no peito porque as glândulas mamárias da mãe ainda não se desenvolveram completamente [...]

São diversos pontos evidenciados cientificamente que contrapõem a ideia da vocação materna, principalmente na adolescência. Segundo Marcello (2005) “[...] a mulher-adolescente, preferencialmente, não deve ser mãe, pois sua imaturidade não é apenas de ordem psicológica, mas também relativa a seus ossos, a seu corpo, a suas células”

Constantemente, a complexidade e a exaustão da jornada materna são deslegitimadas e consideradas apenas uma das fases do “padecer no paraíso”, como é exemplificado por Marcello (2005, p. 89), quando aborda os casos de mãe de gêmeos. “[...] Será exigida uma rigorosa disciplina [...] passado o sufoco inicial, só é preciso paciência, confiança e bom senso para, então, desfrutar dessa surpreendente experiência de ser mãe de dois filhos que nascem ao mesmo tempo”.

Outro padrão da normatividade materna é relacionado à amamentação, retratada sempre de forma romantizada, deixando de lado os desafios que são enfrentados por muitas mães, como dor, desconforto durante a amamentação ou a

dificuldade do bebê em pegar o peito. Diante disso, as mães que não conseguem ou optam por outras formas de amamentar, terão que lidar com o sentimento de fracasso ou com o rótulo de relapsas. Como descreve Marcello (2005, p. 90), com base em um recorte da Revista Crescer, “para os sujeitos-mãe mais ‘relapsos’, que deixaram de amamentar [...] a professora de Educação Física Helena Mangini afirma que ‘para estas mulheres, a melhor recomendação é não ter filho’ [...] Mais uma vez, trata-se da ameaça, baseada em uma previsão, sustentando a garantia de não ter que se conviver com um anormal.”

Outra maneira de estabelecer a normatividade materna é através da relação da mulher com a vida profissional e pessoal. Com a inserção feminina no mercado de trabalho, o modelo tradicional familiar mudou. O homem passou a não ser mais o único provedor da casa, a mulher passou a contribuir com as finanças domésticas, acumulando responsabilidades, o que Ferreira (2016) denomina como “figura materna contemporânea”.

### **3. A EVOLUÇÃO DA FIGURA MATERNA**

De acordo com Ferreira (2006 apud Badinter, 1985, p. 04), com o passar dos anos, as mudanças sociais reconfiguraram o papel de mãe, dividindo-os em três grandes fases. A primeira refere-se às Idades Média e Antiga em que a relação mãe e filhos e mulher e marido eram frias e superficiais. A autora atribui esse fato à alta taxa de mortalidade da época que fazia com que a relação entre pais e filhos fosse distante para evitar sofrimentos em um possível falecimento.

O amor ausente contempla a idade antiga e a idade média e é caracterizado por uma relação de frieza dos pais com seus filhos e a autoridade total do homem sobre a mulher, como se a mesma fosse sua propriedade. A maternidade era vista pela sociedade como uma obrigação e não trazia nenhum reconhecimento à mulher [...] A alta taxa de mortalidade infantil fazia com que a mãe mantivesse distância de seus bebês, evitando sofrer em decorrência de um possível falecimento. Nesse período, acrescenta Badinter (idem) muitas vezes os filhos eram entregues aos cuidados de amas de leite o que tornava a relação de mães e filhos cada vez mais distante e superficial.

Na segunda fase, que compreende o final do século XVIII, o reconhecimento em relação à mulher mudou, porém, as atividades domésticas permaneceram a cargo

exclusivo dela. Segundo a autora (2006, p. 05), “a mulher passa a ser vista como companheira do homem e não apenas como sua propriedade, entretanto [...] significava cuidar do lar, dedicando-se exclusivamente à família”. Após o século XIX, é iniciada a terceira fase, classificada por Ferreira (2006 apud Badinter, 1985, p. 05) como amor forçado. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho e uma preocupação maior com o seu desenvolvimento pessoal e profissional, algumas optaram por não se tornarem mães ou pela maternidade tardia, o que era encarado com uma espécie de anomalia social, fazendo com que muitas acabassem por encarar a maternidade apenas para cumprir uma obrigação social.

[...] a maternidade era ligada a figura feminina, e as mulheres que não podiam ou não queriam exercer o papel materno eram consideradas anomalias e fugiam ao padrão que a sociedade lhes impunha, o que fazia com que muitas, mesmo não desejando tornarem-se mães o fizessem apenas para cumprir um dever social que estava ligado à figura da mulher.

De acordo com Badinter (1985), citada por Ferreira (2006), a figura materna foi construída ao longo dos anos por uma série de fatores, como o crescimento das taxas de mortalidade infantil, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a dupla jornada e a divisão das atividades domésticas entre a esposa e seu parceiro. Essa construção está tão socialmente enraizada que interfere no modo como a mulher se enxerga como indivíduo e principalmente como mãe.

### **3.1 Útero com pernas: a representatividade materna em *The Handmaid's Tale***

São diversas problemáticas que cercam os ideais não só de mulher, como de mãe. Ainda há muito o que ser questionado e repensado para que novos discursos sejam estabelecidos. E isso é, justamente, o que propõe a autora Margaret Atwood<sup>4</sup>, na obra *The Handmaid's Tale*.

Atwood classifica sua obra como uma ficção especulativa, que serve como um alerta do pior cenário que possamos ter no futuro, caso não tenhamos mudanças

---

<sup>4</sup> Romancista, poeta, contista, ensaísta e crítica literária, autora do livro *O Conto da Aia*, publicado em 1985.

significativas em relação a políticas de inclusão e a cultura discriminatória e machista atual.

Nos anos 1970, houve muitas conquistas. Muitas leis foram alteradas, as mulheres ganharam mais direitos. Nos anos 80, quando eu escrevi *O Conto da Aia*, houve um momento de recuo. O direito religioso fazia parte desse revés nos Estados Unidos e conseguiu derrotar a Emenda dos Direitos Iguais (que busca incluir a igualdade de gênero na Constituição). Escrevi o livro para fazer várias perguntas, por exemplo: se os Estados Unidos tivessem um totalitarismo ou uma ditadura, de que tipo seria? Seria comunista? Seria chamada de fascista? Não, seria religiosa. (Atwood, 2020)

O roteiro é baseado em acontecimentos políticos e sociais da década de 1980, como o cenário conservador da política americana com a eleição do Presidente Ronald Reagan, assim como o crescimento da direita cristã e a popularização de organizações conservadoras.

Apesar de ser uma obra especulativa, muito dos acontecimentos são baseados em fatos reais, como a proibição do aborto e dos anticoncepcionais na Romênia, na tentativa de Nicolae Ceausescu<sup>5</sup> de aumentar as taxas de natalidade, os assassinatos de dissidentes sob o regime de Ferdinando Marcos<sup>6</sup> nas Filipinas, assim como também o desaparecimento de mais de 500 crianças no golpe militar de 1976 na Argentina<sup>7</sup>, que acabaram nas mãos de líderes do governo e até a vestimenta das aias, inspirada em uma propaganda canadense.

O livro de Atwood, *O Conto da Aia*, se tornou bastante popular entre a crítica e os leitores, e mesmo sendo publicado pela primeira vez em 1985. A obra foi adaptada para diversos formatos, inspirou filme, peça de teatro e até uma ópera. No final de 2018, foi adaptado para uma série televisiva, intitulado *The Handmaid's Tale*, tornando-se popular, chegando ao primeiro lugar de audiência nos EUA<sup>8</sup>, com o contexto de mudança no cenário político americano com a eleição de Donald Trump, e a instalação de um governo com regime xenofóbico, homofóbico e machista que priorizava a procriação e subjugava as mulheres constantemente.

---

<sup>5</sup> Ditador romeno, foi presidente da República Socialista da Romênia a partir de 1967 até 1989, quando seu governo foi derrubado e ele executado.

<sup>6</sup> Político e advogado filipino, governou seu país por 21 anos, e estabeleceu a ditadura mais longa no século 20.

<sup>7</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/28/internacional/1430220144\\_394962.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/28/internacional/1430220144_394962.html)> Acesso em setembro.2021

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/series-tv/the-handmaids-tale-4-temporada-recorde-audiencia>> Acesso em setembro.2021

O seriado baseado na obra de Atwood se passa num futuro próximo onde as taxas de natalidade e fertilidade caem drasticamente em todo mundo, em meio a uma guerra civil. Com discursos extremistas e conservadores e força bruta a população é convencida por um grupo cristão militar, autointitulado *Filhos de Jacó*, que se vivessem segundo as leis de Deus, a paz e ordem seriam restauradas, originando, onde hoje é o EUA, o governo totalitário da República de Gilead, uma ditadura extremamente religiosa e conservadora, cujas mulheres perdem seus direitos. Elas não podem trabalhar, possuir propriedades, controlar dinheiro e até mesmo ler.

A sociedade passa a ser governada por um regime militarizado e fanático, organizado em castas sociais, sinalizado pelas cores das roupas. As mulheres férteis, chamadas de aias, vestem capas vermelhas com um chapéu branco que impede a visão lateral; as mulheres dos líderes que possuem um pouco mais de liberdade usam a cor azul; as empregadas, chamadas de “marthas”, usam sempre verde; as treinadoras das aias, conhecidas como “tias”, usam marrom; e o rosa claro é usado pelas crianças. Como forma de manter as aias sempre em vigilância, cada uma delas são colocadas em pares na maioria das atividades diárias, como ir ao supermercado, por exemplo.

Devido a infertilidade mundial, cada uma das aias é designada para a casa de um dos líderes do governo. Seu antigo nome não pode mais ser dito e elas passam a ser chamadas pelo nome do líder antecedido pela palavra “Of”, em português “de”, sinalizando que agora é pertencente a ele. As aias são forçadas a terem relações sexuais com seus patrões em um ritual, baseado em uma interpretação extremista do conto bíblico de Raquel, Jacó e sua aia Bila, que deu à luz filhos para a estéril Raquel *Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro. E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela*” (Gênesis 30.1-3). Na cerimônia retratada na série, a esposa e a aia deitam de costas na beira da cama, com a aia deitada entre as pernas da esposa, enquanto o homem tem relações sexuais com a aia.

**Figura 2 - Cerimônia para reprodução que ocorre em The Handmaid's Tale**



Fonte: nono episódio da terceira temporada de The Handmaid's Tale

A série é narrada por June Osborne, renomeada como Offred (de Fred), a aia designada a casa do comandante Fred Waterford e sua esposa Serena Joy Waterford, duas das figuras principais no surgimento da República de Gileade. Antes do golpe político que originou o novo regime, June trabalhava em uma editora, era casada e tinha uma filha.

### **3.2 Análise**

Para este estudo foi feito um recorte do seriado The Handmaid's Tale, mais especificamente, do nono episódio da terceira temporada, intitulado *Heróico*, para traçar um paralelo entre a representatividade materna na série, através da figura das aias, e a realidade da sociedade atual, com a normatividade materna e os estereótipos que a cerca. O episódio segundo Elizabeth Moss, atriz que interpreta a aia June na série, foi o mais desafiador de ser gravado<sup>9</sup>, apesar de não conter muita ação, o incômodo provocado no telespectador fica a cargo das cenas de tortura. Na série, a

---

<sup>9</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/B0Ct\\_FnngoQ/](https://www.instagram.com/p/B0Ct_FnngoQ/). Acesso em 29 setembro. 2021.

personagem é forçada a ficar ajoelhada durante mais de trinta e dois dias em um quarto de hospital, de frente para a maca da sua antiga companheira de caminhada, Ofmatthew<sup>10</sup>, conhecida como Natalie antes de Gilead, depois dela ser baleada no supermercado e sofrer morte cerebral. Natalie estava grávida, porém, o bebê sobreviveu ao atentado e, por isso, foi mantida ligada a aparelhos, a fim de levar adiante a gestação. Como forma de punição por ter falhado com a sua igual, June não pode sair dali até que sua companheira esteja recuperada ou morta. A partir desse momento podemos perceber que a violência imposta às mulheres na produção nem sempre é física, mas também psicológica.

**Figura 3 - June de joelhos em frente a maca de Natalie como castigo por ter falhado com sua companheira.**



Fonte: nono episódio da terceira temporada de *The Handmaid's Tale*

Enquanto enfrenta seu castigo, June testemunha não só o esforço dos médicos para salvar sua antiga parceira, como também a presença de algumas esposas que apoiavam a família que receberia o bebê de Natalie. No episódio,

---

<sup>10</sup> Aia que foi companheira de caminhada de June, e a acompanhava nas atividades diárias, como idas ao mercado, açougue, etc.

registra-se comentários sobre algumas crianças que chegaram ao hospital para entrarem no sistema e, posteriormente, serem designadas a função de esposas e mães. Tal cena é representada pelo quadro em que June reflete sobre a possibilidade de sua filha também adentrar no sistema em breve. A cena exemplifica a construção do papel social materno, cuja menina já é considerada mulher após sua primeira menstruação.

**Figura 4 - Esposa e comandante visitam Natalie no hospital**



Fonte: nono episódio da terceira temporada de The Handmaid's Tale

Após mais de vinte dias enfrentando seu castigo, encarando sua antiga parceira morta, June perde sua sanidade e tenta algo drástico. Ela tropeça em direção a cama e tenta sufocar Natalie, tapando o seu tubo de ventilação, mas é impedida pelos médicos. Mas ela não desiste, atormentada pelo isolamento, June, em meio a delírios e momentos de lucidez, decide dar fim a essa situação, desligando os

aparelhos. Para ela, não só salvaria Natalie, sua antiga parceira, como também impediria que mais uma criança nascesse em meio a aquele ambiente de violência e opressão. Porém, ela mais uma vez foi impedida, dessa vez por uma outra aia.

Mesmo assim, June não desiste e decide seguir com seu plano, até que Serena Joy Waterford, esposa do patrão de June, aparece e ela decide atacá-la como forma de extravasar, mas falha novamente e acaba se cortando com bisturi que havia roubado, um médico entra para lhe ajudar e verificar Natalie: *Você a está torturando, forçando-a a se manter viva, diz June ao médico e ele responde; Ela não é minha paciente, a criança é.*

**Figura 5 - June confronta médico que atende Natalie**



Fonte: nono episódio da terceira temporada de The Handmaid's Tale

O curto diálogo entre June e o médico reforça a opressão feminina através do papel materno. Não importa a mulher além da maternidade, ela não é socialmente vista como um indivíduo complexo, com suas vontades e desejos. O corpo da mulher, conforme representado no seriado, não é respeitado nem mesmo após a morte, e medidas extremas de extensão de vida são tomadas para prolongar uma gestação a

qualquer custo. A procriação é usada como justificativa para o abuso sexual e psicológico, ignorando o desenvolvimento e criação desta criança no futuro. Não é muito distante do que podemos observar na atualidade com os grupos denominados pró-vida, quando o assunto é aborto. As condições financeiras, físicas e psicológicas da mulher para levar adiante a gestação, geralmente não são consideradas, nem mesmo quando quem interrompe a gravidez é uma vítima de abuso sexual. Mesmo nesse caso muitas mulheres enfrentam constrangimentos por manifestarem o seu direito de recorrer ao procedimento<sup>11</sup>.

O episódio é marcado pelo quadro em que June faz menção a sua mãe, que no passado foi médica e uma grande ativista em prol dos direitos das mulheres, como uma última tentativa de comover o médico e convencê-lo a pôr um fim ao que ela considera ser uma tortura com Natalie.

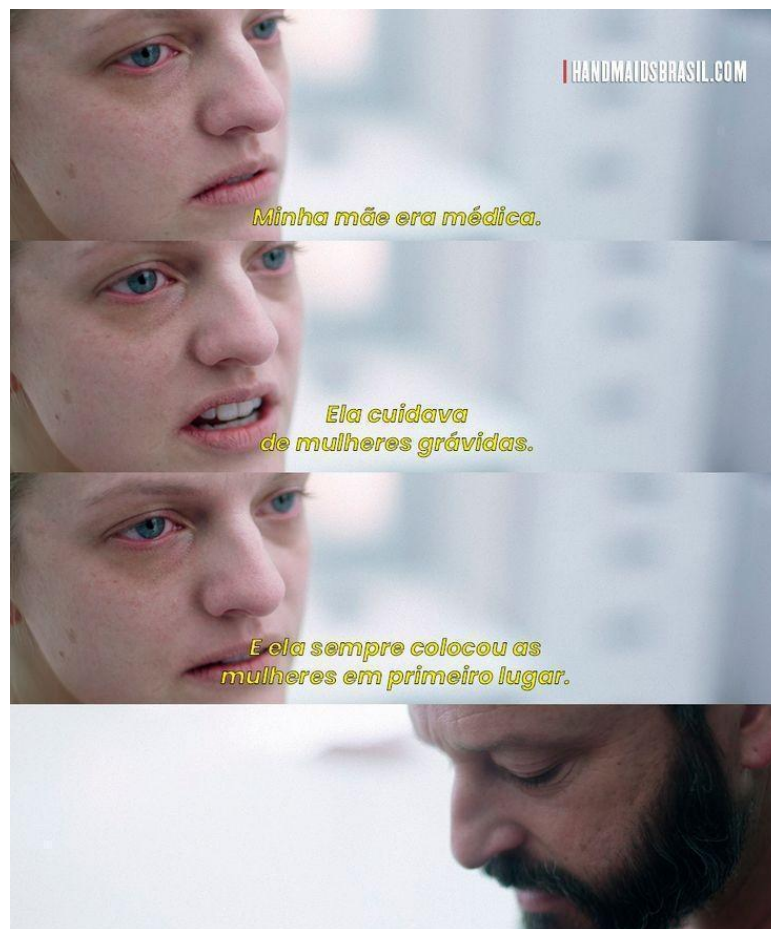
---

<sup>11</sup> Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/25/politica/1572016463\\_219590.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/25/politica/1572016463_219590.html).

Acesso em: 10, nov. 2021.

Figura 6 - June relembra o passado e o ativismo de sua mãe



Fonte: nono episódio da terceira temporada de The Handmaid's Tale

Ao ser questionado por June, sobre concordar com toda a barbárie e opressão de Gilead, o médico responde: *Eu honrarei essa aia salvando o seu filho.* As máquinas apitam e Natalie começa a sangrar. Os médicos entram rapidamente para realizar o parto. June está livre. Ao sair, encontra com uma menina que não deve ter mais do que treze anos, e que lhe conta que está no hospital porque lhe disseram que já pode ter bebês e, por isso, está pronta para o sistema, o que deixa June horrorizada.

**Figura 7 - June encontra algumas meninas no hospital prestes a passarem pelo sistema de Gilead**



Fonte: nono episódio da terceira temporada de The Handmaid's Tale

É evidente, nesta cena, a normatividade materna presente desde a infância, quando começa o adestramento de toda menina que é naturalmente introduzida ao papel de dona de casa e boa mãe desde pequena, assumindo as tarefas domésticas e os comportamentos socialmente. O trecho em questão conversa com a nossa realidade, em que a normatividade materna prevalece até mesmo no caso de uma criança vítima de estupro sendo coagida a levar uma gestação adiante, mesmo sem ter condições físicas e psicológicas para isso.

Se em The Handmaid's Tale, a República de Gilead enxerga no abuso de mulheres, o caminho para perpetuar uma sociedade insatisfeita com a liberdade e

buscava combater as escolhas individuais e a liberdade acima de tudo, a nossa sociedade só se diferencia no fato de que isso fica a cargo do núcleo familiar, onde, segundo dados oficiais ocorre 70% dos casos de violência sexual e de gênero<sup>12</sup>. Na ficção e na realidade as mulheres são colocadas como indivíduos de segunda classe tendo como função principal cumprir o dever materno, sendo a fertilidade vista como a mais valorosa característica feminina, enquanto aos homens tem a força física, a inteligência e liderança encaradas como seus maiores valores. A maternidade como um propósito feminino é validado não só socialmente, pela construção do papel materno, como também pela religião e o caráter divino por trás da gestação.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da análise de *The Handmaid's Tale*, o presente trabalho demonstra que o seriado, apesar de ser uma ficção especulativa, expõe a opressão feminina através do papel materno, que, por ser entendido como uma obrigatoriedade majoritariamente feminina, abre oportunidade para discussões a respeito não só sobre as consequências da cultura do patriarcado, como também dos direitos das mulheres sobre seu próprio corpo.

Dentro do contexto político atual, com a ascensão de figuras com discursos religiosos distorcidos que servem de ferramenta para discriminação e opressão das minorias, *The Handmaid's Tale* expressa o medo desses grupos de perder os poucos direitos conquistados e ao mesmo tempo serve de aviso para a necessidade de mudanças nos caminhos políticos e sociais nos quais seguimos hoje.

Por retratar os conflitos sociais acerca da maternidade e realizar uma crítica ao patriarcado e à opressão de gênero, em meio a um cenário em que o direito a métodos contraceptivos e a sexualidade feminina passam a ser questionados, a série torna-se um símbolo político, por mostrar a importância da representatividade nas produções midiáticas como forma de desconstrução de estereótipos acerca da mulher e da maternidade.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <

Responde-se, deste modo, ao problema central proposto pelo trabalho, concluindo que a representação materna em *The Handmaid's Tale* serve de mecanismo para a discussão acerca da maternidade como uma construção social e uma ferramenta de controle comportamental da mulher tendo um ideal divino como justificativa para a opressão, onde prevalece o patriarcado.

## REFERÊNCIAS

- CANASSA, Lucélia. A representação da figura materna como um indivíduo em si no conto *Silver Tape*, de Mara Coradello. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 4, n. , p. 111-120, jul. 2018. Semestral. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/issue/view/514>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2016, Goiânia. **A Representação da Figura Materna Brasileira nos Anúncios de O Boticário para o Dia das Mães**. Goiânia: Intercom, 2016. 18 v. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0546-2.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- JUCÁ, Julyanne. **Por dia cinco mulheres foram vítimas de feminicídio em 2020, aponta estudo**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/por-dia-cinco-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidio-em-2020-aponta-estudo/>. Acesso em: 25 set. 2021.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. /, n. 26, p. 81-98, dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/77fwT3pKbjzNm35WRZPZvQz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- OLIVEIRA, Cibele Roso; TRAESEL, Elisete Soares. Mulher, trabalho e vida familiar: a conciliação de diferentes papéis na atualidade. **Disciplinarum Scientia: Ciências da Saúde**, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 149-163, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/943/886>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- PAIS, Ana. **Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- POSTIGLIONI, Luciana de Camillis. **REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA FIGURA MATERNA E PATERNA NA MÍDIA: uma análise de discurso crítica**. 2015. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11607>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- SEMENTE NEGÓCIOS. **Maternidade e mercado de trabalho: por que esta deve ser uma pauta de inclusão nas empresas?** 2020. Disponível em: <https://www.sementenegocios.com.br/blog/maternidade-e-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 25 set. 2021.

SOUZA, Talita de. **Mercado de trabalho ainda é rígido com mulheres que são mães**. 2021. Disponível em:

[https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/trabalho-e-](https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/05/4923276-mercado-de-trabalho-ainda-e-rigido-com-mulheres-que-sao-maes.html)

[formacao/2021/05/4923276-mercado-de-trabalho-ainda-e-rigido-com-mulheres-que-sao-maes.html](https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/05/4923276-mercado-de-trabalho-ainda-e-rigido-com-mulheres-que-sao-maes.html). Acesso em: 25 set. 2021.

VIEIRA, Elaine Novaes; SOUZA, Lídio de. **Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade**. Aná. Psicológica, Lisboa , v.28,n.4, p.581-

596, out. 2010. Disponível em

[http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000400003&lng=pt&nrm=iso)

[82312010000400003&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000400003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 nov. 2021.